

Território e Desterritorialização: a EaD na Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Territory and Deterritorialization: EaD at the State University of Western Paraná

ISSN 2177-8110
DOI: 10.18264/eadf.v9i1.775

Julia Cristina Granetto Moreira*¹

¹Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila).
Av. Silvio Américo Sasdelli, 1842
Foz do Iguaçu, PR – Brasil.
jugranetto@gmail.com

Beatriz Helena Dal Molin²

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).
Rua Universitária, 1619
Cascavel, PR – Brasil.

Resumo

A intenção desta pesquisa é apresentar o Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, localizada na cidade de Cascavel/PR, discutindo o percurso para sua implantação. Será contextualizado o cenário; apresentado como foi e está sendo pensado e ocorrendo o processo de implantação local para a criação do NEaDUNI. A discussão se ampara em teorias e maneiras de conceber e pensar no ensino e aprendizagem, assim como novas e outras experimentações e desafios na forma de ensinar, aprender-aprendência e de desterritorializar os territórios já estabelecidos. Para o embasamento teórico utilizamos diversos autores: Deleuze e Guattari, Gallo, Dal Molin, Motter, Dans e Vitkowski, assim como documentos nacionais da Educação a Distância e da universidade citada.

Palavras-chave: Educação a distância. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Território. Desterritorialização.



Recebido 18/ 12/ 2018
Aceito 09/ 05/ 2019
Publicado 25/ 06/ 2019

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: GRANETTO MOREIRA, Julia Cristina; DAL MOLIN, Beatriz Helena. Território e Desterritorialização: A EaD na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. **EaD em Foco**, 2019; 9(1): e775. doi:<https://doi.org/10.18264/eadf.v9i1.775>

Territory and Deterritorialization: EaD at the State University of Western Paraná

Abstract

The intention of this research is to present the Distance Education Center of the State University of the West of Paraná, located in the city of Cascavel - Paraná, discussing the route for its implementation. The scenario will be contextualized and how the local deployment process for the creation of NEaDUNI was and is being considered and occurring. The discussion is based on theories and ways of conceiving and thinking about teaching and learning, as well as new and other experiments and challenges, in the form of teaching, learning and deterritorialization of established territories. For the theoretical basis we used several authors, such as Deleuze and Guattari, Gallo, Dal Molin, Motter, Dans and Vitkowski, as well as national documents of Distance Education and the said University.

Keywords: *Distance Education. State University of Western Paraná. Territory. Deterritorialization.*

1. Introdução

A proposta deste artigo é apresentar e descrever o Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (NEaDUNI), localizada na cidade de Cascavel/PR, apresentando sua trajetória e implantação. Para isso, primeiramente contextualiza-se o cenário da Educação a Distância como território já conhecido e em constante movimento.

Na sequência, serão apresentados especificamente como foi, está sendo pensado e ocorrendo o processo de implantação da Educação a Distância na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, a criação do NEaDUNI. Na última seção, intitulada Desterritorialização, a discussão se ampara em teorias e maneiras de conceber e pensar o ensino, tão urgentes em tempos convergentes, assim como novas e outras experimentações e desafios, na forma de ensinar, aprender-aprendência¹ e de desterritorializar dos territórios já estabelecidos.

Para este trabalho, amparamo-nos na metodologia da pesquisa bibliográfica, com embasamento teórico pautado em autores que tratam do rizoma, do território e da desterritorialização, ganhando destaque especial Deleuze e Guattari. Também utilizamos autores como Sílvio Gallo para a compreensão dos conceitos de Educação Menor e Educação Maior, documentos que sustentam a proposta nacional da EaD e do Núcleo de Educação a Distância na União Oeste (NEaDUNI) e demais autores contemporâneos que tratam da temática, como Assmann, Dal Molin, Motter, Dans e Vitkowski.

¹ O conceito de aprendizagem foi tomado da obra *Reencantar a Educação*, de Hugo Assmann (2007), na qual o autor expressa que o termo "aprendizagem" deve ceder lugar ao termo "aprendência" (*apprenance*). Este, ainda segundo Assmann, traduz melhor, pela sua própria forma, o estado de estar-em-processo-de-aprender, essa função do ato de aprender que constrói e se constrói, e seu estatuto de ato existencial que caracteriza efetivamente o ato de aprender, indissociável da dinâmica das trocas, do vivo.

2. Discussão

No Brasil, a prática da modalidade Educação a Distância já acontece há mais de um século, mas oficialmente obteve respaldo legal para sua realização com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 –, que estabelece, em seu Art. 80, a possibilidade de uso orgânico da modalidade Educação a Distância em todos os níveis de ensino (BRASIL, 2007).

O Governo Federal, mais especificamente a Universidade Aberta do Brasil (UAB), considera a Educação a Distância como uma modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2007).

A EaD, em nível nacional, evoluiu muito nos últimos anos e está cumprindo sua missão de possibilitar, por meio das plataformas digitais, àqueles que por diversos motivos – sociais, econômicos, financeiros, de tempo ou de localidade – não teriam acesso ao conhecimento e à formação acadêmica, principalmente com iniciativas de projetos da UAB.

No entanto, nem sempre a EaD apresentou-se com as tecnologias digitais. Resgatando sua história, a modalidade iniciou com o ensino por correspondência; logo após, com a tecnologia de informação, contando com recursos como rádio e televisão. Antes ainda das tecnologias digitais, mais precisamente com a internet, operando sem o espírito da *Second Life*, não havia interação entre os envolvidos. Foi somente mais tarde com a internet 2.0 ou *Second Life*, com ambientes virtuais mais interativos e com maior capacidade de desempenho que se deu o acesso à forma de comunicação que temos e conhecemos hoje.

Com o ensino por correspondência, televisão e rádio, a comunicação entre os estudantes era limitada; os estudantes apenas recebiam informações, conhecimentos prontos, não tinham acesso à emissão, limitavam-se a ser espectadores e ocupavam papel passivo. São muitos anos de ensino unidirecional que deram à nossa sociedade muitos dos usos e costumes que temos hoje. Da mesma forma, são muitos os anos recebendo informação sem a possibilidade de tentar caminhos outros, de produzir conhecimentos novos no dia a dia do contexto educativo.

Mesmo contando com diversos formatos e com diferentes recursos, o que não podemos desconsiderar é a recorrente intenção de democratização da modalidade a distância. Alcançando com facilidade diferentes localidades do país, oferecendo qualificação para uma população que vive em cidades menores e interioranas, na tentativa de favorecer um desenvolvimento mais homogêneo do país.

Outro fator importante a destacar é o aspecto democrático que as redes possibilitaram à Educação a Distância; se antes o estudante fazia o papel de espectador, hoje, com a Tecnologia de Comunicação Digital pode participar, opinando, construindo juntamente com o professor um conhecimento novo ou pode arriscar-se e descobrir as vias para ele mesmo assumir com a orientação do seu professor maior responsabilidade em seu processo de construir seu caminho de aprendizagem. Na teoria é assim; mas e na prática, será que estamos construindo realmente uma nova maneira de fazer Educação a Distância? Ou reforçamos uma EaD limitada, confundida muitas vezes com “aula filmada” ou ainda com simplesmente “botar textos no Moodle” (VITKOWSKI, 2014)?

Em tempos de convergência, a Tecnologia de Comunicação Digital (TCD)² possibilita o intercâmbio hipertextual de informação, novas maneiras de ensinar e aprender. A Educação a Distância, em muitos sentidos, funciona como “o descobrimento de um novo continente: uma abundância de solo fértil para desenvolver e inovar” (DANS, 2010). E ela nos dá muitas possibilidades que ainda estamos começando a explorar.

² O termo Tecnologia de Comunicação Digital (TCD) foi adotado tendo como base a tese *Taxionomia para a Mediação Pedagógica em Tecnologia de Comunicação Digital*, de Araci Catapan; o termo “concerne às novas formas de informação e comunicação com base na linguagem digital” (CATAPAN, 2001, p. 16)

A Educação a Distância no Brasil é um território conhecido, mas que passa por um momento peculiar, de mudanças, não apenas em sua estruturação, mas de políticas educacionais: “depois de uma fase de desenvolvimento, de busca de modelos para cada instituição, parece desejável que cresça e tome força um movimento de aprimoramento de projetos e estratégias utilizadas, bem como um movimento de reavaliação dos rumos da EaD” (VITKOWSKI, 2014, p. 33).

A Tecnologia de Comunicação Digital aliada à EaD provoca deslocamentos, questionando-nos de modo que nos voltemos a indagar o que queremos e quem somos como sociedade; nos desafia a encontrar novos modelos para novas situações, novos territórios, de modo que, como seres em conexão, possamos “erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimento” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 45).

A noção de território é compreendida num sentido muito amplo. Os seres existentes se organizam segundo territórios que se delimitam e os articulam aos outros existentes. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. Deleuze afirma que “mesmo numa sala, escolhemos um território. Entro numa sala que não conheço, procuro o território, lugar onde me sentirei melhor” (DELEUZE, 1988); para o autor, o território é o domínio do ter. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. É o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; RONILK, 2010). A produção de territórios pela sociedade pode ser entendida como ações que buscam legitimar o controle de um conjunto de lugares, processos e ideias com delineamentos bem definidos.

Como vemos, o território é fechado sobre si mesmo, é sinônimo de apropriação e, além do mais, é constituído por características próprias que o delimitam. Consideramos, em muitas situações, o contexto da Educação a Distância como um território demarcado, no qual já está posto o que deve ser aprendido e ensinado, marcado por políticas predefinidas, com atores fragmentados, em que cada qual elege e demarca seu território dentro desse território maior, desconsiderando muitas vezes a multiplicidade, a singularidade dos ambientes inclusivos e idiossincráticos.

2.1. NEaDUNI

Na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), localizada na cidade de Cascavel/PR, a modalidade Educação a Distância foi regulamentada recentemente; no entanto, as primeiras discussões sobre a temática já ocorrem há mais de uma década. Assim, o NEaDUNI vem firmando seus passos, com critérios epistemológicos, pedagógicos e didáticos pautados nos princípios do rizoma, da multiplicidade e da cartografia, com o intuito de que tal modalidade seja uma via de acesso para muitos estudantes, de maneira pública, gratuita e de qualidade, considerando os ambientes educacionais inclusivos e idiossincráticos.

O Núcleo de Educação a Distância da Unioeste (NEaDUNI), criado no ano de 2013, prima por uma linha epistemológica e didático-pedagógica que se aproxima da concepção rizomática, mantendo um corpo de atores que tenham o compromisso e aceitem o desafio de gestar e gerir uma EaD que tenha como principal objetivo criar novas oportunidades e outras possibilidades para quem deseja estudar, transitando pela hipertextualidade, transdisciplinaridade e transversalidade e pelos princípios de uma educação que leve o estudante ao protagonismo com responsabilidade e com a produção de novos conhecimentos. A universidade reconhece o caráter inclusivo dessa modalidade de educação e amplia seu atendimento a estudantes que vivem em contextos idiossincráticos, rompendo fronteiras, sejam elas geográficas, culturais e/ou de acesso. A Figura 1 apresenta os objetivos do NEaDUNI (2013).

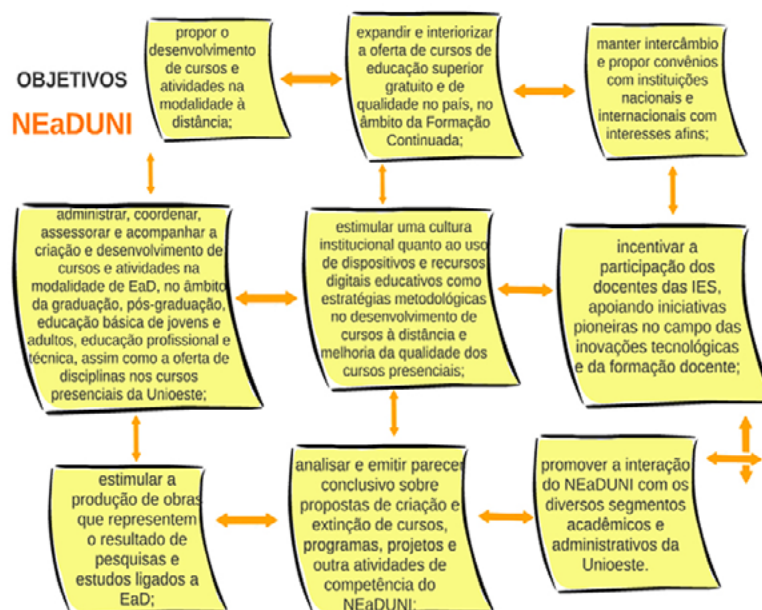


Figura 1: Objetivos do NEaDUNI

O NEaDUNI compreende que uma Educação a Distância pautada nos vetores da cartografia, do rizoma, da transversalidade e da transdisciplinaridade desterritorializa-se, passando a ser reconhecida como uma nova dinâmica de estudar, ensinar e aprender. Enfim, de promover a aprendizagem, processo de realimentação constante entre professores, estudantes e demais atores que garante a cada dia o entrosamento e conexões significativas mais consistentes em vários sentidos.

E para que o processo de aprendizagem seja, de fato, significativo, mudanças importantes são promovidas e propiciadas, tanto nas políticas para a EaD e estratégias pedagógicas quanto na forma pela qual os materiais educacionais devem ser planejados, elaborados, disponibilizados e entregues aos atores em processo de estudo e formação. “Em Educação a Distância, o material didático assume o papel de ser fio condutor, pois estende a mediação pedagógica e a dinâmica de todo o processo de ensino-aprendizagem a inúmeras situações de estudo oferecidas aos estudantes” (DAL MOLIN et al., 2008, p. 13).

Vale destacar como mudança significativa a preocupação do NEaDUNI quanto à formação dos aprendentes, chamado pelo núcleo de Encontros, propiciando momento de formação continuada em que de fato a equipe multidisciplinar, sendo professores ministrantes, conteudistas, coordenadores de polos, tutores e demais atores da equipe técnica, em um mesmo local estudam, tendo como base textos teóricos, e experimentam outras e novas formas de conceber a aprendizagem. É um outro formato de formação que apresenta um outro formato de conceber o aprender e o ensinar.

Como fruto dos Encontros continuados são elaborados pela equipe multidisciplinar objetos digitais, ultrapassando apenas arquivos em formato pdf e modelos cartesianos; são ofertados aos aprendentes modelos de leitura hipertextual, apresentações interativas (como *prezi*, *emaze*, *powtoow* etc.) e linguagens audiovisuais. O uso do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) também é evidenciado, com a entrada diária da equipe no AVA, professor e/ou tutor, a fim de sanar dúvidas imediatas dos aprendentes como também a oferta de atividades síncronas como *chats* do AVA e *live chat*, das redes sociais do Núcleo, além das discussões em fóruns. Toda atividade e participação dos acadêmicos no ambiente virtual é valorizada e considerada como avaliação, pois o Núcleo considera que a desterritorialização também inclui a avaliação, sendo contínua, em que todo o processo é valorizado e não apenas uma prova ao final de cada disciplina.

Na Unioeste, a proposta da EaD está “nascendo livre de amarras, fora dos encaixes cartesianos e do modelo arbóreo de trabalhar com o conhecimento” (DAL MOLIN; MOTTER, 2013), constituindo-se como

uma educação menor, ainda que dentro de alguma legalidade, sem a qual ela não pode colocar-se como pertencente ao campo das que podem certificar, ela está em sintonia com a obra de Gallo (2002) “Em torno de uma educação menor”, artigo baseado no conceito deleuze-guattariano de literatura menor explicitado no livro *Kafka – Por uma literatura menor*.

Com a reflexão de Silvio Gallo e trazendo os termos para o contexto educacional, consideramos aqui que a educação maior, a oficial, das políticas públicas, dos projetos, currículos, aquela já instituída, que seguem os modelos arbóreos de transmitir o conhecimento, é pensada por poucos e imposta para muitos. Como comenta Silvio Gallo,

A educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da LDB, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer. À educação maior é aquela dos grandes mapas e projetos (GALLO, 2002, p. 173).

A educação menor se apresenta desterritorializada, como aquela micropolítica que resiste às políticas públicas já impostas, aproveitando as brechas, os espaços vazios para trabalhar as singularidades e ao mesmo tempo as multiplicidades; “uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas [...]. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância” (GALLO, 2002, p. 173).

O NEaDUNI procura reinventar novas possibilidades, criando novos territórios e espaços e linhas para trabalhar com a Educação a Distância com base naquilo que postula como primados essenciais para sua existência e ação, já apontados neste trabalho. Nesse processo, os aprendentes são professores, estudantes, técnicos que trabalham de forma coletiva, todos aprendendo e todos ensinando algo novo, facultando que a aprendizagem, de maneira rizomática, de fato ocorra, de modo que oriente uma nova proposta de educação na referida modalidade, pensada para romper com o decalque em várias instâncias.

A Educação a Distância na Unioeste está em construção, em movimento de devir, de linhas de fuga, de ritornelo, que está sempre em movimento nômade, não sedentário, em relação a um agenciamento territorial, ora partindo em direção a ele, ora se instalando nele e consolidando seus componentes, ora convidando os atores a uma desterritorialização pelas linhas de fuga levantadas no movimento nômade das revisitas ao já dado.

Deleuze e Guattari criaram o conceito de *ritornelo*; em entrevista, Deleuze afirmou: “para mim, o ritornelo é esse ponto comum. Em outros termos, para mim, o ritornelo está totalmente ligado ao problema do território, da saída ou entrada no território, ou seja, ao problema da desterritorialização” (DELEUZE, 2001).

O NEaDUNI se constitui em movimentos de território e de desterritorialização, ou seja, age no seu território e dele se evade, ainda que temporariamente, para retornar outro, “o grande ritornelo se eleva à medida que nos afastamos da casa, mesmo se é para retornar a ela, já que ninguém mais nos reconhecerá quando retornarmos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 246-247).

2.2 Desterritorialização

Criamos e recriamos territórios constantemente; esta é a evolução natural, que, no entanto, não segue essa lei quando se trata de educação e de outros setores de regulação da sociedade. A todo momento, novas ideias e concepções nascem levando ao abandono de antigos territórios, levando às vezes a momentos de desterritorialização, por meio de linhas de fuga, tão necessárias por fazerem com que os que

assumem essa “aventura” vivem experiências e arrisquem experimentações surpreendentes e inovadoras, vivendo o acontecimento em seu esplendor.

Deleuze e Guattari chamam de desterritorialização o modo como saímos do território estando nele, “a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização *in loco* pelo qual ultrapassa todo o território: ela é desterritorializante e desterritorializada” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 110); uma ação de desconstruir e reconstruir, compreendendo o que está proposto, um novo território, pois a desterritorialização não é o ponto de chegada, ela faz parte de todo um processo de criação de novos territórios e, se preciso, abandonando por completo alguns territórios. Como afirmam Deleuze e Guattari (1995, p. 238), “a desterritorialização é o movimento pelo qual ‘se’ abandona o território”.

O NEaDUNI está sendo construído no efetivo trabalho de buscar e de encontrar novos saberes, fazendo necessária assim uma desterritorialização da Educação a Distância, com novas possibilidades, novos ritmos, de maneira múltipla, pois “a desterritorialização nunca é simples, mas sempre múltipla e composta” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 239).

Construímos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização; precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte (DELEUZE, 2001).

No movimento de desterritorialização é necessário compreender que o território não desaparece, mas se altera e adquire novos sentidos. A Educação a Distância vista de maneira desterritorializada é rizomática e a ela não interessa criar modelos, propor caminhos, impor soluções; o que importa é criar conexões, redes, singularizar e “rizomatizar” (GALLO, 2008).

Além do mais, nas modalidades educativas que têm perfil rizomático, os atos e as singularizações são coletivos, com base no respeito por cada singularidade manifesta; é esse respeito a elas e ao se conectarem e se interconectarem que gera multiplicidades. As interações ocorrem em rede, como o rizoma que não tem início nem fim, mas intensidades no meio; “não há sujeitos, não há objetos, não há ações centradas em um ou outro; há projetos, acontecimentos, individualizações sem sujeitos. Todo projeto é coletivo. Todo valor é coletivo. Todo fracasso também” (GALLO, 2008, p. 175).

Ao retirar-se do território em direção a outro com propriedades diferentes, ocorre a desterritorialização, o princípio da ruptura a-significante, de acordo com Deleuze e Guattari, em que o rizoma não pressupõe qualquer processo de significação, de hierarquização. Embora seja estratificado por linhas, sendo assim territorializado, organizado etc., está sempre ligado às linhas de fuga que apontam para novas e insuspeitas direções (GALLO, 2001).

Desterritorializar-se não significa a volta a uma territorialização anterior, como uma volta a um estado anteriormente existente. A desterritorialização se desenvolve como processo que ao retornar é outro. Ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova a outro que também perdeu a sua (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Para que o movimento de desterritorialização aconteça, é preciso estender e desejar um encontro com as linhas de fuga que quase sempre são abertas e hipertextuais; só assim os agenciamentos territoriais terão novos ritmos, novas sintonias, de modo que outras possibilidades de construção da Educação a Distância se constituam como território/espço de criação, de autoria sempre aberta a novas desterritorializações e reterritorializações, tecendo-se rizoma.

Criar um novo território é aventurar-se, é trilhar caminhos diferentes e diversos, é abrir-se para novos agenciamentos, é sair do espaço sedentário, estriado, é encontrar nas linhas de fuga outras e novas possibilidades. Essas linhas podem ser pontos de singularidades e possibilidades criativas que surgem do atrevimento nômade perquirido nos novos mundos, em nova vida.

Deleuze e Guattari classificam como nômade todo processo, seja ele: político, coletivo, individual, psíquico etc., que traça uma linha de fuga para além dos aparelhos do Estado quase sempre sedentários em seu modo de aceitar ou permitir o novo. Há uma grande diferença entre o espaço sedentário e o liso: para os autores, o espaço sedentário é estriado, cercado por muros e caminhos, enquanto o espaço nômade é liso, marcado apenas por traços que se apagam e se deslocam com o trajeto (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Elucidando os conceitos de liso e estriado com a metáfora do tricô ou do crochê e do feltro, Deleuze e Guattari comentam que as agulhas tricotam um espaço estriado; uma das agulhas desempenha o papel de cadeia e a outra de trama, ainda que alternadamente; o feltro, ao contrário, “traça um espaço aberto em todas as direções, prolongável em todos os sentidos, ainda que esse espaço tenha um centro” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 170).

3. Considerações Finais

Se o modelo de Educação a Distância vigente no Brasil não se modificar, não se recriar ao compasso dos rizomas que estão em constante transformação, estará fadada ao fracasso e continuará produzindo conhecimentos hierarquizados e desvinculados da sociedade e do mundo digital dos quais participamos. Imitar o nômade, como coloca Deleuze, é uma via, uma linha a ser observada e quiçá seguida, pois o nômade cria e recria territórios (DELEUZE, 2001). A modalidade Educação a Distância necessita criar e recriar territórios que sejam flexíveis e conectados nas mudanças locais e globais da sociedade convergente.

A desterritorialização dos processos de aprendizagem no NEaDUNI só foi possível pela dinâmica do próprio núcleo. Como qualquer outro núcleo de uma universidade pública, ele cumpre todos os requisitos e exigências da Educação maior, mas vai além disso, experimentando uma educação menor, com práticas de aprendizagem que alteram o papel e a função assumida tanto pelos docentes, tutores, equipe multidisciplinar quanto pelos discentes, que se tornam de fato os protagonistas da construção de seus conhecimentos.

O NEaDUNI parte da premissa de que só é possível ocorrer a desterritorialização com a educação menor. É uma constante experimentação, com grandes desafios, em que a formação inicial dos professores às vezes resiste em seguir, mas os resultados dos encontros continuados da equipe cada dia ganham força e se estabelecem como sendo de fato inclusiva, idiossincrática, hipertextual, transdisciplinar e transversal, uma possibilidade de ensino aberta.

Em tempos de cultura da convergência, faz-se necessário pensar que tanto a Educação a Distância como a presencial constituem-se como outros e novos territórios; para isso, emerge a necessidade de uma desterritorialização dessa educação, utilizando vetores de saída, por meio das linhas de fuga.

Referências Bibliográficas

- ASSMANN, H. **Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referências de Qualidade para a educação superior a distância**. Brasília, 2007.

- CATAPAN, Araci Hack. **Tertium**: o novo modo do ser, do saber e do apreender: Construindo uma taxionomia para mediação pedagógica em tecnologia de Comunicação Digital. Tese (Doutorado em Mídia e Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.
- DAL MOLIN, B. **Mapa referencial para construção de material didático para o Programa e-Tec Brasil** [et al.]. Florianópolis: UFSC, 2008.
- DAL MOLIN, B.; MOTTER, R. M. B. Educação a Distância para os sentenciados das unidades penais do Paraná *e-sipris*: rizoma, não decalque. **ESUD – X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância**. Belém, 2013.
- DANS, E. *Todo va a Cambiar: Tecnología y evolución: adaptarse o desaparecer*. Barcelona: Centro Libros PAPP, S.L.U., 2010.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, G. O abecedário de Gilles Deleuze. **Entrevista com G. Deleuze**. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola. Paris: **Montparnasse**. 2001. 459 min. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsub-jeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- GUATTARI, F.; RONILK, S. (2010). **Micropolítica**: cartografias do desejo. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GALLO, S. Em torno de uma educação menor. **Educação Realidade**, Porto Alegre, v. 27, nº 2, p. 169-178, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/25926/1519>.
- GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GALLO, S. **Conhecimento, transversalidade e currículo**. Caxambu, 2001.
- VITKOWSKI, J. R. **Experimentação dos professores na EaD**: formas, ritmos, linhas, rizoma. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.